

O espaço urbano em dicionários infantis de língua portuguesa

Maria Teresa Martins (UNESP – São José do Rio Preto)*

Resumo: Neste artigo, objetivamos refletir sobre o dicionário infantil, em particular quanto ao modo como nele é discursivizado o espaço urbano. Para tanto, trabalharemos com o **Dicionário Aurélio infantil da Língua Portuguesa** (1989) e **O Aurélio com a Turma da Mônica – O mundo das palavras em cores** (2003), ambos de autoria de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, atentando para o modo de constituição e de funcionamento dos verbetes cidade e favela.

Palavras-chave: dicionário infantil; espaço urbano; cidade e favela.

Este artigo busca refletir sobre a relação *espaço urbano* e *dicionário*, tomando por material de análise dois dicionários infantis de língua portuguesa: **Dicionário Aurélio infantil da Língua Portuguesa** (FERREIRA, 1989) e **O Aurélio com a Turma da Mônica – O mundo das palavras em cores** (FERREIRA, 2003). Ancoramos nosso trabalho no campo teórico da Análise de Discurso, tal como posta em funcionamento por Orlandi (2002, 2004), Nunes (1999, 2001, 2006) e Collinot e Mazière (1997), no que diz respeito à análise discursiva do espaço urbano e à análise de dicionários.

Apresentaremos o modo como concebemos o dicionário infantil a partir de tal perspectiva teórico-metodológica e, em seguida, passaremos à análise de verbetes relativos ao espaço urbano: cidade e favela.

1. Dicionários infantis: acontecimento e silenciamentos

Do ponto de vista da Análise de Discurso, em aliança com a História das Ideias Linguísticas, podemos considerar os dicionários infantis como instrumentos linguísticos que se constroem e se sustentam tendo em vista o sujeito-criança. Sendo assim, esse tipo de dicionário irrompe como acontecimento (PÊCHEUX, 1990) na conjuntura dicionarística brasileira, na medida em que promove uma reorganização das práticas discursivas.

Os dicionários infantis de língua portuguesa são um fenômeno discursivo e lexicográfico relativamente recente no Brasil. O aparecimento do primeiro data do final da década de 1980 (**Dicionário Aurélio Infantil da Língua Portuguesa**, 1989). A partir de 2003, contudo, eles são editados em maior número e por várias editoras. Em 2003 a Nova Fronteira lançou **O Aurélio com a Turma da Mônica**. Mais adiante, em 2005, depois de ter

* Doutoranda do Programa de Pós Graduação da UNESP/ IBILCE; bolsista FAPESP; membro do Grupo PALADIS.

vendido os direitos autorais do “Aurélio” à Editora Positivo, a Nova Fronteira começou a relançar os dicionários “Caldas Aulete”, inclusive em versão infantil: **Meu primeiro dicionário Caldas Aulete** (2005). A Positivo, por sua vez, deu continuidade às obras que levam o nome de Aurélio em versões infantis: **Aurelino** (2007) e **Aurélio Ilustrado** (2008), apenas para citar alguns títulos de duas editoras com circulação nacional.

Os primeiros títulos apresentavam uma formulação bastante próxima à dos dicionários gerais. Poderíamos comparar a nomenclatura e as definições do **Aurélio Infantil** de 1989 ao **Aurélio** de 1986 (2.ed.) ou de 1999 (3.ed.) e veríamos muitas semelhanças no nível da formulação. O que os difere é o fato de o **Aurélio Infantil** (1989) ser colorido e ilustrado com os personagens que Ziraldo idealizou para a Turma do Pererê, além de os seus exemplos serem adaptados. Naquele momento, estava sendo construída uma imagem de dicionário infantil, mas ainda filiada ao modelo de dicionário geral.

A partir de 2003, os dicionários infantis começam a se distanciar cada vez mais dos gerais. Apresentam uma nomenclatura reduzida, baseada na literatura infantil e nos textos escolares (segundo os prefácios); a formulação das definições passa a apresentar mecanismos de individualização do sujeito-criança; os exemplos levam em consideração os contextos infantis e alguns são formulados a partir da simulação da voz da criança pelo sujeito lexicógrafo; os dicionários ficam menores, mais leves e mais coloridos¹.

Como recortam um público alvo específico, esses dicionários acabam também recortando sentidos: silenciam aqueles que podem ser considerados inadequados às crianças, a partir de uma visão pedagógica ou moral, como sexualidade, violência ou vocabulário chulo. Seria uma espécie de preservação do *sentimento de inocência infantil* (ARIÈS, 1986).

Considerando o que precede, nos perguntamos como estaria significado nesses dicionários o espaço urbano. Estariam as desigualdades sociais, as moradias, as favelas, os condomínios presentes no discurso dos dicionários infantis?

2. Espaço urbano: a cidade e a favela para as crianças

Nos últimos anos, a Análise de Discurso no Brasil tem se interessando com afinco pelas questões do espaço urbano. Trabalhos se dedicam a compreender os fechamentos, as pichações, as narratividades urbanas, o consenso nas políticas públicas urbanas e a significação do espaço urbano em dicionários, entre outros.

¹ Uma análise mais detalhada do aparecimento dos dicionários infantis no Brasil, pelo viés discursivo, encontra-se em nossa dissertação de mestrado intitulada **Análise discursiva de dicionários infantis de língua portuguesa** (UNESP – São José do Rio Preto, 2007).

Inserimo-nos no âmbito dessas pesquisas que consideram a cidade não como pano de fundo, mas como materialidade significativa. Orlandi (2004) reflete sobre algumas noções de espaço, numa tentativa de deslocá-las do campo da geometria e da matemática, do empírico e do abstrato em favor do discursivo. A autora propõe, assim, uma definição de *espaço urbano*: “Esse espaço material concreto funcionando como sítio de significação que requer gestos de interpretação particulares. Um espaço simbólico trabalhado na/pela história, um espaço de sujeitos e de significantes” (2004, p. 32).

Para esta análise, nos concentramos em dois dicionários infantis: o **Dicionário Aurélio Infantil da Língua Portuguesa** (FERREIRA, 1989) e **O Aurélio com a Turma da Mônica – o mundo das palavras em cores** (FERREIRA, 2003). As obras foram escolhidas para que observemos, em dois momentos distintos, como os dicionários tratam o espaço urbano. Faremos, portanto, uma análise contrastiva da nomenclatura e de alguns verbetes.

2.1. Nomenclatura

A nomenclatura de um dicionário é formada pelo conjunto de palavras-entrada que o compõe. Para formá-la, o lexicógrafo faz um recorte no léxico a partir de alguns critérios depreensíveis com o estudo dos prefácios. Collinot & Mazière (1997) destacam a importância do estudo dos prefácios, pois neles o autor projeta uma certa imagem de público alvo, de língua e suas filiações teóricas.

Em Ferreira (1989), observamos que a formação da nomenclatura baseia-se na escolha de palavras “dentre aquelas que as crianças dessa idade deparam no seu dia-a-dia, seja nos primeiros livros escolares, seja na conversa ou na escrita”. Com relação ao espaço urbano, não há menção no prefácio, e na nomenclatura destacamos as entradas *cidade*, *bairro*, *favela*, entre outras. Contudo, nesta obra de finais da década de 1980, não constam *condomínio* ou *comunidade*.

Já em Ferreira (2003), além da lista de palavras segundo a qual os dicionários tradicionalmente se organizam, o vocabulário é também apresentado em seções temáticas e “organizado segundo o universo dos interesses e atividades das crianças e suas interações com os adultos. O objetivo básico é trazer para a criança as palavras dentro de um contexto, e aplicadas em situações de vida”. Na lista em ordem alfabética, encontramos entre a nomenclatura: *bairro*, *cidade* (com remissão às páginas 45-47) e *favela* (também com remissão à página 46). As palavras *condomínio* e *comunidade* tampouco aparecem nesta lista. Nas páginas 44-47, encontramos o tema “Cidade – Onde fica a casa da gente?”, em que há ilustrações e textos explicativos. Nesses textos aparecem as palavras *comunidade* e *subúrbios*, mas não *condomínio*.

Esses dois dicionários produzem um silenciamento com relação aos condomínios e aos sentidos de comunidade que se ligam à favela. Por um lado, não se pronunciam sobre os fechamentos de luxo; por outro, não mencionam uma palavra bastante usada atualmente por moradores da periferia em substituição à *favela*.

Vejam as definições no interior dos dicionários, em busca da compreensão de como se constituem esses elementos do espaço urbano no discurso dirigido às crianças. Observaremos o funcionamento dos verbetes *cidade* e *favela*.

2.2. Definições: *cidade* e *favela*

Em Aurélio (1989), a **cidade** é definida pelo discurso da quantidade²: “Lugar habitado por *muitas* pessoas”. Além disso, é posto em funcionamento o discurso social-político: “deve ter bons serviços públicos (de água, luz, esgotos, transportes, etc.) para atender às necessidades de seus habitantes”. O discurso urbano define como é a organização da cidade: “com ruas, praças, casas de residência, escolas, lojas, bancos”. Tais espaços, por sua vez, identificam as atividades do sujeito: morar, estudar, trabalhar, deslocar-se.

Já em Aurélio (2003), há toda uma contextualização para se chegar à definição de **cidade**³ (“*muitas* casas, *muitas* pessoas que moram perto umas das outras”), em que se observa novamente o funcionamento do discurso da quantidade. Constituindo os sentidos da definição, notamos também o discurso da organização urbana: “Nas cidades as casas ficam uma ao lado da outra, arrumadas nas ruas, ou então uma em cima da outra, empilhadas, em prédios, edifícios”. Na sequência, segue apresentando, enciclopedicamente, como são as cidades pequenas e como são as grandes. São diferenciadas pelas distâncias, pelos laços de amizade entre os sujeitos e pelo discurso da quantidade: “As cidades maiores têm *mais* ruas, *mais* escolas, *mais* lojas, *mais* carros; elas têm *vários* bairros”.

Quanto aos exemplos, apenas Aurélio (2003) os apresenta. Há duas grandes ilustrações (v. anexos). Uma representa uma cidade pequena, tipicamente interiorana, com ruas de terra, de paralelepípedo, com uma praçinha em cujo centro há um coreto. Ao fundo há plantações, o trem. Há um lugar de destaque para a igreja e há poucas pessoas ou carros pelas ruas. Enquanto na outra ilustração, maior, há uma cidade grande, com ruas asfaltadas, vários meios de transporte, prédios, várias casas comerciais, semáforo, vários automóveis, muitas pessoas e inclusive uma favela. Duas faces diferentes das cidades são abordadas: a representação da cidade pequena

² Conforme conceituado em Orlandi (2004, p. 35-36).

³ Ver verbete completo em Anexo 1.

é marcada pelo discurso da tranquilidade e da religiosidade, enquanto a da cidade grande é marcada pelo discurso da quantidade, do movimento, da economia.

A imagem que se constrói nesse dicionário de cidade pequena e de cidade grande nos faz pensar a relação movimento / tempo. Analisando as imagens, temos a impressão de não-movimento, de não-passagem do tempo na cidade pequena e, ao contrário, na cidade grande o movimento remete à passagem do tempo. Nesse ponto, podemos fazer uma relação com um outro discurso que constrói um imaginário de cidade pequena em que o tempo parece não passar, o movimento parece ser lento: *Um homem vai devagar/ Um cachorro vai devagar/ Um burro vai devagar/ Devagar... as janelas olham*⁴.

Como os conflitos são postos em cena apenas na cidade grande que, em relação à pequena, é representada como espaço caótico; e como a cidade pequena é representada recuperando o imaginário de cidadezinha do interior, rural, retomamos as reflexões de Payer (2001). Segundo a autora, a posição discursiva urbana sobre o campo tende a constituir-se por um discurso romantizado, em que o campo é idealizado como melhor que a cidade. Entendemos que seja esse o caso aqui: a cidade pequena é representada, no discurso da definição e do exemplo, como tranquila, sem conflitos, ao contrário da cidade grande. A cidade é significada pelas definições como espaço harmonioso, sem conflitos sociais. A estabilidade é quebrada nas ilustrações de Ferreira (2003) que apresentam favelas, mas apenas na cidade grande, onde aparece a verticalização social. Na cidade pequena, a harmonia e a horizontalidade social continuam significadas. Com relação à verticalização das relações sociais, entendemos esta como o processo que transforma o espaço social horizontal em espaço social hierarquizado, impedindo as relações de contiguidade (ORLANDI, 2004, p. 35). Esse processo entra em funcionamento em Ferreira (2003), no qual são apresentadas diversas moradias (de favela a castelo), cidades pequenas e cidades grandes (com características de cidades grandes: trânsito, buracos, espaços interditados). Já nos demais dicionários, o que prevalece é a homogeneização das relações sociais, dos espaços. Temos então que a imagem de criança é diferente, se considerarmos o que cada dicionário considera que seja permitido (ou conveniente) que a criança saiba, ou seja, *o que pode e deve ser sabido* pelo sujeito-criança.

No que tange às definições de **favela**, em Ferreira (1989, p. 91) temos: “Conjunto de barracos de madeira, e de outros materiais, ou de casas pobres. As favelas, em geral, são construídas em morros”. Não há ilustrações nem exemplos e a favela é definida pela sua estrutura física, por sua organização em barracos. O social está presente pela pobreza das construções,

⁴ Carlos Drummond de Andrade, “Cidadezinha qualquer” (1930).

mas não há alusão a relações sociais que se desenvolvam nesse espaço, a deslocamentos ou a sujeitos.

Já em Ferreira (2003), não há uma definição de **favela**, mas uma ilustração dentro da imagem que representa a cidade grande (p. 46 – v. Anexo 2). A imagem da favela se constrói, de um lado, pelos barracos de madeira precários e, de outro, por dois sujeitos: duas moradoras, uma branca que estende roupas em um varal e uma negra que observa da janela. É importante ressaltar que, nessa ilustração, a favela encontra-se numa esquina da cidade, próxima a um restaurante, um hotel e um parque. O discurso do dicionário desloca a favela do morro ou das regiões mais periféricas para o centro da cidade. Além disso, a favela está presente apenas na cidade grande. As pequenas, portanto, não teriam favelas?

Considerações finais

Vimos ao longo dessas observações sobre o espaço urbano nos dicionários infantis que eles tendem a manter a cidade grande e a pequena dentro de um imaginário de oposição. Seriam dois espaços diferentes e separados. A cidade grande referindo a um imaginário de movimento, deslocamento, passagem do tempo acelerada, grande quantidade de sujeitos e problemas urbanos (saneamento, trânsito e moradia). A pequena, representada pela cidade pequena, referindo a um ideal bucólico, onde o deslocamento e a passagem do tempo são lentos e os problemas da *urbe* não existem.

Salientemos ainda que os espaços periféricos ficam à *margem* também nos dicionários. *Periferia* e *comunidade* não aparecem na nomenclatura. *Favela* aparece como uma parte da cidade, na ilustração, ou significada por sua estrutura e composição física na definição. Além disso, ela sai do morro (FERREIRA, 1989) e vai para dentro da cidade (FERREIRA, 2003), em uma convivência quase que harmônica, livre de conflitos. *Horizontalizada*.

Referências

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Traduzido por D. Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- COLLINOT, A.; MAZIÈRE, F. **Un prèt à parler: le dictionnaire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- FERREIRA, A. B. .H. **Dicionário Aurélio Infantil da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- _____. **O Aurélio com a Turma da Mônica – O mundo das palavras em cores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- MARTINS, M. T. **Análise discursiva de dicionários infantis de língua portuguesa**. Dissertação de mestrado. São José do Rio Preto: Unesp, 2007.

- _____. “Onde mora esse menino?”: O discurso urbano em dicionários infantis de língua portuguesa. **Estudos linguísticos**, n.36, v.3. São Paulo: Gel, 2007.
- NUNES, J. H. Corpo e cidade. **Rua**, n.5. Campinas, SP: Nupecri, 1999.
- _____. **Dicionários no Brasil** – Análise e história do século XVI ao XIX. Campinas: Pontes; São José do Rio Preto: Faperp, 2006.
- _____. Dictionnaire et métalangage : définition de termes spatiaux. Métalangage et terminologie linguistique. **Actes du colloque international de Grenoble**. Leuven: Peeters, 2001.
- ORLANDI, E. P. Cidade dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- _____. Lexicografia discursiva. In _____. **Língua e conhecimento linguístico**. São Paulo: Cortez, 2002.
- PAYER, M. O. O rural no espaço público urbano. In: ORLANDI, E. P. (org) **Cidade atravessada** – Os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ANEXO 1: Definição de cidade no Dicionário Aurélio (2003, p. 45-47)

Cidade.

Onde fica a casa da gente? A casa é onde a gente fica, e também para onde a gente volta. Mas tem quem passe muito tempo longe, fora, antes de poder voltar para casa: marinheiros, astronautas, caminhoneiros. Mas, quase sempre, as pessoas formam uma **comunidade**, moram e trabalham não muito longe umas das outras. A comunidade pode ser pequenina, uma aldeia no meio da mata, ou no campo, ou no agreste, ou numa praia: índios, colonos, sertanejos, pescadores moram assim. A comunidade pode ser maiorzinha, uma **aldeia**, um **povoado**, um **vilarejo**, uma **vila**. Tem comunidades maiores – são as **cidades**: muitas casas, muitas pessoas que moram perto umas das outras. Nas cidades as casas ficam uma ao lado da outra, arrumadas nas ruas, ou então uma em cima da outra, empilhadas, em prédios, edifícios. Tem cidades que são pequenas. Nelas, tudo está bem perto: a casa e a escola, as lojas, o mercado, o lugar de trabalho. Nessas cidades, a gente conhece ou reconhece muitas pessoas pelo caminho, e as cumprimenta – são nossos velhos conhecidos. Muitas vezes, cumprimenta até quem passa perto de nós e nós não conhecemos.

Nas cidades maiores, às vezes, a casa não é tão perto da escola, nem das casas dos primos ou dos amigos. Para ir de um lugar a outro, a gente passa por muitas casas e prédios e por muitas ruas. As cidades maiores têm mais ruas, mais escolas, mais lojas, mais carros; elas têm vários bairros, e para a gente ir de um lado ao outro, só de carro, ônibus, ou barco (se tiver um rio ou lago, no caminho). Nas cidades muito grandes, com muitos prédios e muito movimento, tem tantas pessoas que é difícil encontrar alguém conhecido. E mesmo se a gente conhece ou reconhece uma pessoa, nem sempre a cumprimenta. Por quê?

O sujeito feminino e a construção de suas posições sociais no verbo *mulher*

Ana Lídia Puía (UNESP – São José do Rio Preto)*

Resumo: Este artigo analisa, a partir de uma perspectiva discursiva, os sentidos de "mulher" em um conjunto de dicionários de língua portuguesa. São observadas as acepções gerais da palavra e também as locuções, mostrando-se os diferentes sentidos de mulher presentes em tais dicionários. Ainda, são consideradas as condições de produção dos discursos.

Palavras-chave: mulher; dicionário; condições de produção; posições sociais.

Seguindo princípios da Análise de Discurso de linha francesa e da História das Ideias Linguísticas, objetivou-se estabelecer neste artigo, segundo Orlandi (2001) e Nunes (2006), uma relação entre o dicionário, a história e o social, visto que é na e pela história e no e pelo social que o dicionário se constitui enquanto obra do saber, transmitindo sentidos que contribuem decisivamente para a constituição dos sujeitos. Além disso, buscou-se traçar algumas reflexões acerca das diferentes posições sociais que a mulher ocupa no interior da sociedade, a partir da análise das definições e, sobretudo, das locuções presentes no verbo *mulher* coletado em alguns dicionários de língua portuguesa.

Pensou-se o verbo discursivamente e procurou-se analisar as definições e as locuções em sua relação com as condições de produção e com as marcas linguísticas presentes no verbo *mulher*. Observou-se, dessa forma, que as locuções desempenham um papel significativo na determinação das posições sociais ocupadas pelo sujeito feminino, posições estas que também determinam simbólica e ideologicamente os espaços que a mulher pode ocupar socialmente, como os espaços privado e público.

Para este trabalho, o verbo *mulher* foi coletado em 5 dicionários de língua portuguesa, a saber: **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa** (1943), de Laudelino Freire; **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa** (1974), de Caldas Aulete; **Grande Dicionário Brasileiro Melhoramentos** (1975); **Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa** (1999); e **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa** (2007). Esses são dicionários que, em sua historicidade, jogam com a memória discursiva na construção de imagens sociais do sujeito feminino.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP/São José do Rio Preto, sob orientação do Prof. Dr. José Horta Nunes.

1. O dicionário e as posições sociais da mulher: um discurso construído historicamente

Segundo Nunes (2006, p. 11), “por consistir nesse espaço imaginário de certitude, sustentado pela acumulação e pela repetição, o dicionário é um material interessante para se observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas”. Desse modo, as posições sociais construídas discursivamente no verbete *mulher*, assim como as imagens que são criadas ou redimensionadas com relação ao sujeito feminino, são marcas de sentidos que foram sendo sedimentados ao longo da história no e pelo social.

De acordo com Orlandi (2001), enxergar a gramática, assim como o dicionário,

[...] como parte da relação com a sociedade e com a história (Orlandi, 1997) transforma esses instrumentos em objetos vivos, partes de um processo em que os sujeitos se constituem em suas relações e tomam parte na construção histórica das formações sociais com suas instituições, e sua ordem cotidiana (ORLANDI, 2001, p. 8).

Ao se voltar para o verbete *mulher*, observou-se que esta relação entre a história, o social e o dicionário é um ponto fundamental para se pensar não só a posição social da mulher contemporânea construída no verbete, mas também a constituição histórica deste sujeito feminino. Além disso, o lexicógrafo, afetado pela memória discursiva, põe em circulação discursos e imagens que se manifestam na sociedade e na história e que contribuem para caracterizar a figura feminina.

2. Acepções gerais e locuções: discursos situados em meio ao biológico e ao social

2.1 Acepções gerais

Com relação às acepções gerais, notou-se, no verbete de todos os dicionários selecionados, que a mulher primeiramente aparece definida por meio de um discurso biológico e fisiológico, como em: “**MULHER**, A fêmea na espécie humana; pessoa do sexo feminino” (FREIRE, 1943) ou “**mulher 1.1** aquela que tem sua fisiologia e sua vida genital percebidas como essência do ser humano feminino em sua evolução” (HOUAISS, 2007). Vê-se aqui, portanto, que há a construção não só da imagem de um sujeito biológico, mas também de uma posição natural ocupada por este sujeito.

Ainda nas acepções gerais, observou-se que a mulher também é caracterizada por meio de um discurso jurídico que, por sua vez, joga em meio

a uma visão familiar ao demarcar o lugar de esposa, tal como nas seguintes definições: “**mulher. 7.** Cônjuge do sexo feminino; a mulher em relação ao marido; esposa” (AURÉLIO, 1999), “**MULHER, 2.** Espôsa” (FREIRE, 1943), “**mulher 5** companheira conjugal; esposa” (HOUAISS, 2007).

Além disso, nos dicionários de Freire (1943) e de Aulete (1974) e no dicionário Melhoramentos (1975), notou-se uma distinção histórica estabelecida entre “mulher”, aquela pertencente à “plebe”, e “senhora” ou “dama”, aquela pertencente às classes mais prestigiadas da sociedade, como em: “**mulher, 4.** Mulher da plebe ou das classes inferiores (por oposição a *senhora* ou *dama*)” (MELHORAMENTOS, 1975). Assim, pôde-se observar que as palavras “mulher” e “dama”/“senhora” marcam um conflito de classes e, conseqüentemente, de posições e de espaços que se estabeleceram entre a elite e o povo. Com isto, o lexicógrafo trouxe para os dicionários uma visão mais bipolar da sociedade, dividida, assim, entre ricos e pobres.

Já nos dicionários Houaiss (2007) e Aurélio (1999), constatou-se que ocorre a substituição das palavras “dama” e “senhora” pela locução *mulher de/da sociedade*, definida como “mulher que pertence ou frequenta a alta sociedade” (HOUAISS, 2007) ou “a que frequenta a alta sociedade e conhece seus hábitos e costumes” (AURÉLIO, 1999). No dicionário Houaiss (2007), há, ainda, a mudança da palavra “mulher”, com o sentido de mulher pertencente à “plebe”, pela locução *mulher do povo*, definida como “mulher que pertence às classes populares”. Ocorre, assim, uma atualização de termos que, historicamente sofreram alterações frente às mudanças de ordem econômica pelas quais a sociedade passou. Dessa forma, pôde-se verificar que os dicionários Houaiss (2007) e Aurélio (1999) trazem, no verbete *mulher*, uma visão mais popular da sociedade, hierarquizada, atualmente, em várias classes sociais, como as classes A, B, C, D, E, e não mais somente entre ricos e pobres.

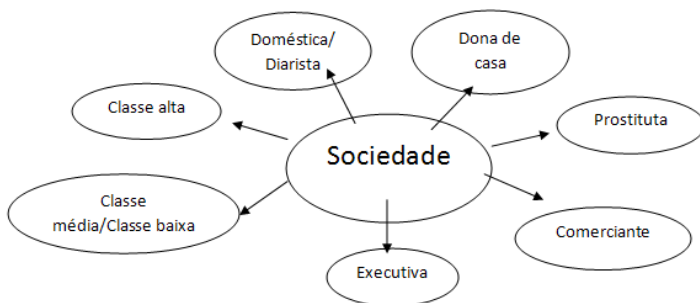
Além disso, as palavras “plebe” e “dama”, se tomadas no curso da história, marcam a distinção que, já na Idade Média, fazia-se do sujeito feminino a partir do seu lugar na escala social. Segundo Bauer (2001), o termo “dama”, durante a Idade Média, também foi introduzido pela poesia trovadoresca com o objetivo de substituir a imagem da mulher perniciososa pela imagem da mulher idealizada. Estes sentidos da palavra *mulher*, portanto, também perpassaram a história fazendo-se presentes até mesmo no verbete *mulher* de alguns dicionários brasileiros.

Verificou-se ainda, no dicionário Houaiss (2007), a construção de uma imagem desprestigiada da mulher ao ocupar a posição de um ser frágil, sensível, romântico, como nestas definições: “**mulher 8.2** *fig.* fraco fisicamente, sem defesa; apelidado de ‘o sexo frágil’ (*o que pode a m. contra um homem em sua fúria?*)” ou “**mulher 8.2.2** *fig.* sensível, delicado, afetivo, intuitivo (*como mulher chora em todo filme romântico*)” (HOUAISS, 2007). Há, assim, uma orientação

argumentativa que faz com que se pense que ser fisicamente “fraco” ou emocionalmente “sensível” é ruim e desfavorável socialmente.

2.2 Locuções

Ao contrário das acepções gerais, que projetam imagens de um sujeito biológico e jurídico, as locuções constroem imagens sociais do sujeito feminino. Desse modo, constatou-se, como se mostrará mais adiante, que diferentes locuções levam a diferentes posições sociais ocupadas pelas mulheres. Para mostrar algumas destas posições, propôs-se a seguinte configuração social:



A partir da configuração acima, pode-se dizer que a constituição do sujeito mulher enquanto dona de casa, executiva, comerciante, etc., é determinada pelas vozes, pelos discursos, que na sociedade delimitam qual a posição que o sujeito pode ocupar. Além disso, dependendo de sua atividade na sociedade, a mulher é caracterizada e denominada a partir do seu espaço social, espaço este que também foi sendo constituído historicamente.

Chamar uma mulher de *mulher da rótula* ou *mulher de programa* (HOUAISS, 2007) traz consigo toda uma historicidade. Há também aí, portanto, um deslocamento da ordem do social não enquanto empírico, mas discursivo. Além disso, ambos enunciados levam a mesma posição social de prostituta, mas o que ocorre é um deslocamento na forma como se significa e é significado este sujeito pela linguagem.

A partir da análise das locuções *mulher de casa* (presente exceto no dicionário Aurélio [1999]), *mulher do lar* e *mulher de verdade*, equivalente a *mulher do lar* (presentes somente no dicionário Houaiss [2007]), e das locuções *mulher da rua* (presente em todos os dicionários analisados), *mulher de ponta de rua* (presente exceto em Freire [1943] e no dicionário Melhoramentos [1975]), *mulher pública* e *mulher do mundo* (presentes somente no dicionário Houaiss

[2007]), observou-se que há uma tendência em opor o espaço privado e o espaço público na constituição das posições que a mulher pode e deve ocupar socialmente.

No espaço privado, estaria a posição de dona de casa e, conseqüentemente, a construção da imagem de uma mulher que cuida de sua família, que assume obrigações domésticas, ou seja, que, de uma forma ou de outra, garantiria o bem estar e a ordem no ambiente familiar, portanto uma ordem que se manifesta no domínio do privado e que se caracteriza pela figura histórica da “mãe de família”, como se pode observar na definição da locução *mulher do lar*, retirada do dicionário Houaiss (2007): “**m. do lar** mulher que dirige as atividades domésticas; mãe de família; mulher da casa, mulher de verdade, cf. *lar* (‘do lar’)”.

Esta imagem foi se constituindo, segundo Bauer (2001), já no final do século XVIII, ocasião em que a mulher burguesa, aos poucos, deixou de exercer atividades fora do ambiente familiar, passando a dedicar-se exclusivamente ao serviço doméstico e à família. Neste momento, ainda de acordo com o autor, já se constitui aquilo que se pode denominar de “‘a esfera ‘privada’ – protagonizada pela mulher, a ‘rainha do lar’ [...]” (BAUER, 2001, p. 61). Assim o lexicógrafo, novamente afetado pela memória discursiva, atualiza esta imagem da mulher como a “rainha do lar”, a “mãe de família”, dando-lhe discursivamente a posição de dona de casa.

Já no espaço público, estaria a posição de prostituta e a imagem de uma mulher perniciososa, que é desprestigiada socialmente pela sua atividade social e que, ao contrário, contribuiria para a desarticulação de uma possível ordem familiar. Esta posição de prostituta, portanto, manifesta-se em um espaço exterior e completamente diferente daquele ocupado pela “mãe de família”, pela “mulher casada, fiel ao marido, de reputação ilibada; mulher séria” (definição para a locução *mulher honesta*, retirada do dicionário Houaiss [2007]). Além disso, para reforçar as imagens que se constroem discursivamente do sujeito mulher na posição de prostituta, encontram-se, em todos os dicionários analisados, as locuções *mulher errada* e *mulher perdida*, definidas por meio do sinônimo meretriz.

3. O funcionamento da locução adjetiva

Diante do recorte efetuado no *corpus*, foi proposto, aqui, analisar o papel que as locuções adjetivas desempenham não só em sua relação com a sintaxe, mas também com as condições de produção. Dessa maneira, constatou-se uma significativa presença da locução adjetiva formada por: mulher+preposição+nome, mulher+nome ou mulher+adjetivo. Com relação a estas locuções, pode-se dizer que elas servem para especificar e diferenciar as diversas posições que o sujeito feminino ocupa na sociedade. Isto se dá na

medida em que, isolada, a palavra mulher significa “o ser humano do sexo feminino” (AURÉLIO, 1999), ou “a fêmea humana como parceira sexual” (HOUAISS, 2007); ligada à locução, no entanto, a mulher passa a assumir posições social e historicamente determinadas. Há, além disso, o deslocamento de uma posição biológica e fisiológica para uma posição social.

Portanto, ser *mulher de negócios* ou *mulher de programa*, por exemplo, é deixar de ser somente mulher de um ponto de vista biológico e assumir uma posição na ordem social, posição esta que é determinada com o auxílio da locução, que deixa de manifestar exclusivamente um papel gramatical para adquirir um papel discursivo. Há, assim, um deslocamento da questão gramatical e biológica para a questão discursiva.

Vale ressaltar também que se manifesta de um dicionário para outro não só uma regularidade de posições sociais que histórica e discursivamente são mantidas por meio das locuções, mas também o surgimento de novas posições, marcadas, portanto, pela presença de novas locuções. Tal fato verifica-se principalmente nos verbetes dos dicionários Houaiss (2007) e Aurélio (1999), em que se encontra a construção de uma nova posição social, a de executiva, marcada pela locução *mulher de negócios*.

Observou-se ainda, nos dicionários Houaiss (2007) e Aurélio (1999), que o surgimento de novas locuções também pode levar a uma mesma posição social, mantendo, assim, uma regularidade no nível das posições. Por exemplo, as novas locuções *mulher de amor*, *mulher de programa*, *mulher da zona*, *mulher do mundo*, *mulher pública*, *mulher solteira* e *mulher dama*, presentes nestes dois dicionários, levam discursivamente a uma mesma posição social, a de prostituta.

4. Considerações finais

Para se compreender os sentidos que se manifestam no verbebo *mulher* de alguns dos dicionários de língua portuguesa selecionados para a pesquisa, faz-se necessário antes entender como o social e a história contribuem para a elaboração, manutenção e circulação de discursos que caracterizam o sujeito feminino a partir de sua posição na sociedade, posição esta que socialmente atinge a língua e que, por sua vez, manifesta-se no dicionário.

Assim, a partir da análise de algumas acepções presentes no verbebo *mulher*, pôde-se observar que o sujeito feminino é caracterizado e definido primeiramente por meio de um discurso biológico e fisiológico e, em seguida, por meio de um discurso jurídico que se significa também em meio a uma visão familiar da sociedade, por meio do qual se define a mulher pela posição de esposa ou “cônjuge do sexo feminino” (AURÉLIO, 1999).

Com relação às locuções, verificou-se que a população feminina é caracterizada e significada a partir de algumas posições sociais, tais como

executiva, comerciante, doméstica, prostituta. Além disso, pela análise das locuções, observou-se que, em relação à família, a mulher é caracterizada como a dona de casa, como “a rainha do lar” (HOUAISS, 2007), como aquela que garantiria a ordem no espaço familiar, portanto, no espaço privado. Em oposição, tem-se, no espaço público, a caracterização da mulher como prostituta/meretriz e a construção da imagem de uma mulher que é desprestigiada social e historicamente pela atividade que exerce. Assim, a mulher, a depender do espaço que se insere, privado ou público, é caracterizada ora por um viés familiar e ora por um viés exterior ao ambiente ocupado pela família, assumindo historicamente uma posição social baixa, a de prostituta.

Dessa maneira, verificou-se que a mulher é significada nos dicionários por meio das posições sociais que ocupou e ocupa na sociedade, posições estas que são marcadas pelas locuções adjetivas que não só reafirmam e reelaboram, mas também criam novas posições, como a de executiva, presente nos dicionários Aurélio (1999) e Houaiss (2007). Há, assim, toda uma historicidade que atravessa os dicionários e que, funcionando pela memória discursiva, reflete no verbete imagens que são construídas do sujeito feminino em determinados espaços não só sociais, mas também históricos e ideológicos.

Referências

- AULETE, C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. v.4. 3.ed. brasileira. Rio de Janeiro: Delta, 1974.
- BAUER, C. **Breve história da mulher no mundo ocidental**. São Paulo: Pulsar, 2001.
- FERREIRA, A. B. de H. **Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999
- FREIRE, L. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. v.4. Rio de Janeiro: A noite, 1943.
- GRANDE Dicionário Brasileiro Melhoramentos**. v.4. 8.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.
- HOUAISS, A. VUILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- _____. (Org.). **História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional**. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- NUNES, J. H. Michaelis – moderno dicionário da língua portuguesa (resenha). In: **Línguas e instrumentos lingüísticos**, n.2. Campinas: Pontes, 1998.
- _____. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- _____. Lexicologia e lexicografia. In: GUILMARAES, E.; FONTANA, M. Z. (Orgs.). **A palavra e a frase**. Campinas, SP: Pontes, 2006.